
Narrativas antirracistas no YouTube: o combate ao racismo amarelo pelo canal Yo Ban Boo¹

Amanda Noemi Kawakami CHINEN²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este estudo busca analisar a contribuição do canal Yo Ban Boo no debate sobre o racismo amarelo no Youtube. Por meio da análise de conteúdo qualitativa de três vídeos, os resultados da pesquisa destacam a diversidade de formatos utilizados e a participação de diferentes membros nos vídeos. Conclui-se que o Yo Ban Boo é uma ferramenta eficaz na comunicação antirracista, desafiando narrativas hegemônicas e combatendo o racismo amarelo.

PALAVRAS-CHAVE: racismo amarelo; Yo Ban Boo; comunicação antirracista.

CORPO DO TEXTO

Além das múltiplas tragédias desencadeadas pela pandemia de Covid-19 globalmente, que teve início na China, a doença também escancarou o fenômeno do racismo anti-asiático (Tokusato, 2022), também conhecido como racismo amarelo. Durante esse período, as redes sociais desempenharam um papel crucial na propagação de atitudes racistas contra pessoas de origem asiática, frequentemente culpabilizadas pela origem do vírus. Essas plataformas digitais facilitaram tanto a rápida disseminação de informações quanto de desinformação, contribuindo para o aumento da hostilidade contra grupos étnicos (Kohatsu et al., 2021).

Contudo, as redes sociais também se transformaram em espaços de denúncia, mobilização, conscientização e resistência contra o racismo amarelo. Em resposta à discriminação enfrentada pelos asiático-brasileiros, diversos canais e espaços sociais digitais emergiram para debater e confrontar esse tipo de racismo, despertando um movimento entre as comunidades asiático-brasileiras na luta antirracista (Inoue, 2017). Nesse contexto, o canal Yo Ban Boo no YouTube, objeto desta pesquisa, se destaca por seu compromisso em discutir e combater o racismo amarelo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social pelo PPGCOM-UERJ, email: amandankc20@gmail.com.

O Yo Ban Boo se dedica a explorar a experiência asiático-brasileira através de vídeos bem-humorados e histórias envolventes, que não apenas entretêm, mas também provocam reflexões profundas. O canal visa desconstruir preconceitos e mitos frequentemente associados aos brasileiros de origem asiática, além de abordar questões de identidade asiática raramente discutidas na sociedade brasileira, fortalecendo assim a comunidade asiático-brasileira. A escolha desse objeto foi baseada nos conteúdos que o canal dissemina, bem como na visibilidade e representatividade que possui dentro da comunidade asiático-brasileira: Yo Ban Boo tem 64.200 inscritos e mais de seis milhões de visualizações.

Ao mesmo tempo que as mídias podem servir para perpetuar estereótipos, por outro lado, elas também podem ser um meio de informar e unir grupos minorizados. Assim, este artigo propõe estudar formas de se contrapor a narrativa hegemônica, que frequentemente reforça estereótipos, ao focar em movimentos que se destacam pela comunicação antirracista, transmitindo informações de qualidade a fim de combater o racismo amarelo. Nesse contexto, a questão central de pesquisa é: Como o canal Yo Ban Boo promove o debate em torno do racismo amarelo? Para investigar essa questão, a pesquisa adotou uma abordagem metodológica que articula uma revisão bibliográfica com a análise de conteúdo de três vídeos selecionados do canal.

Silvio Almeida, em seu livro “Racismo Estrutural” (2019), define racismo como um sistema profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas que perpetua desigualdades e discriminações raciais. Almeida (2019) argumenta que o racismo não se limita a ações individuais de preconceito, mas se manifesta através de práticas institucionais e culturais que mantêm e reforçam a supremacia branca. Essa lógica estrutural do racismo pode ser aplicada para entender o racismo contra pessoas amarelas.

Nesse sentido, é válido ressaltar que, ao se discutir o racismo amarelo, o debate não visa a comparar dores ou minimizar o racismo negro, mas compreender como o sistema racista opera de maneira a subordinar diversas raças e etnias, mantendo a hegemonia branca. Além disso, é importante justificar o uso do termo “racismo amarelo” nesta pesquisa e não outros como discriminação, preconceito, xenofobia, principalmente porque, como ensina Djamila Ribeiro, é preciso “nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo” (Ribeiro, 2019, p. 11). Assim, entendendo que a palavra não pode

ser um tabu, esta pesquisa visa reconhecer e combater essa opressão racial.

No cotidiano, o racismo contra asiáticos se manifesta frequentemente através de microagressões. Introduzido pelo professor Chester M. Pierce (1970), esse conceito se refere a formas sutis de discriminação, como gestos, piadas, estereótipos e outros comentários que são muitas vezes interpretados como inofensivos. No contexto do racismo amarelo, as microagressões raciais representam manifestações do racismo encoberto, mais dissimulado e sutil, que reforçam o racismo direto e sustentam a supremacia branca. Como exemplo dessas violências, podemos citar falas como “abre o olho, japonês”, “pastel de flango”, “xing ling” bem como o gesto de puxar os olhos para “imitar” pessoas amarelas.

Para compreender a origem dos estereótipos relacionados aos asiáticos, é crucial analisar a forma como foram historicamente retratados. Ao longo da história, os asiáticos foram vistos ora como o Perigo Amarelo, uma ameaça perigosa e bárbara, ora como a Minoria Modelo, um grupo inteligente, educado e responsável.

A ideia do Perigo Amarelo foi uma estratégia de animalização dos asiáticos empregada pela Europa e pelos Estados Unidos. Temendo perder o controle hegemônico, esses países retrataram os asiáticos como sinônimos de perigo, invasão e terror (Chen, 2012). Historicamente, essa noção foi utilizada como um pretexto político e cultural para subjugar e discriminar asiáticos ao redor do mundo, sustentando a hegemonia euro-americana (Hirata, 2019).

Em contrapartida, no início dos anos 1990, estudiosos como Cohen (1992) e Delener e Neelankavil (1990) começaram a investigar como os asiáticos eram vistos pelos norte-americanos. O estereótipo emergente descrevia os asiáticos como uma comunidade trabalhadora, séria e inteligente. Este conceito, conhecido como Minoria Modelo, retratava os asiáticos no Brasil como trabalhadores dedicados, educados, prósperos e passivos, uma mudança drástica em relação à visão anterior de Perigo Amarelo.

Do Perigo Amarelo à Minoria Modelo, é possível perceber como os asiáticos têm sido rotulados de acordo com os interesses da branquitude. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, os amarelos foram estigmatizados sob o paradigma do Perigo Amarelo, sendo percebidos como ameaças perigosas e culpabilizados pela propagação do vírus. A pandemia gerou uma onda de hostilidade em relação a chineses, asiáticos e seus descendentes em todo o mundo, incluindo o Brasil (Kohatsu et al., 2021).

Neste período, as redes sociais desempenharam um papel crucial na disseminação do racismo, permitindo o compartilhamento de conteúdo racista e xenofóbico. As plataformas digitais facilitaram a rápida disseminação de informações e desinformações, contribuindo para a hostilidade em relação a grupos étnico. Contudo, as redes sociais também se tornaram um espaço para denunciar, mobilizar, conscientizar e resistir contra o racismo. Nesse panorama, as mídias digitais forneceram um espaço para as vítimas e seus apoiadores denunciarem e reagirem a casos de racismo, incluindo a exposição de incidentes de ódio e discriminação, frequentemente compartilhados em plataformas de mídia social (Martins, 2022).

Nesse contexto, podemos recorrer a Castells (1999) em seus estudos sobre a descentralização do poder na sociedade em rede. Na obra “A Sociedade em Rede” (1999), o autor explora como as estruturas tradicionais e hierárquicas estão cedendo espaço para formas mais flexíveis e distribuídas de poder. Nesse cenário, as instituições centralizadas dão lugar a redes dinâmicas de interação, refletindo uma mudança profunda nas estruturas de poder. Além disso, Castells destaca o papel transformador das redes na facilitação e amplificação de movimentos sociais e resistência, tornando-se ferramentas poderosas para mobilização social.

Complementando essa perspectiva com os conceitos discutidos por Habermas (2003), observamos que a esfera pública contemporânea também se transforma com a ascensão das redes sociais e plataformas digitais como o YouTube. Habermas (2003) argumenta que a esfera pública é um espaço de debate e deliberação onde a opinião pública se forma. No entanto, na era digital, essa esfera se fragmenta e se reconfigura, permitindo uma pluralidade de vozes e perspectivas que antes estavam marginalizadas.

Dentro dessa perspectiva, o YouTube emerge como uma dessas redes de expressão e debate, desempenhando um papel significativo na conscientização e discussão de questões sociais, conforme destacado por Burgess e Green (2009). Assim, essa plataforma digital se apresenta como um espaço virtual que amplia as possibilidades de conscientização e participação cidadã, proporcionando um espaço importante para abordar temas relevantes na sociedade atual.

Para a análise de conteúdo dos vídeos, adotamos a metodologia de Bardin (2016), utilizada para examinar diferentes formas de comunicação, como textos escritos, entrevistas, discursos e imagens, visando identificar padrões, temas e significados

subjacentes. Este método busca desvelar significados mais profundos nas mensagens além do que é superficialmente evidente, seguindo três etapas fundamentais.

Na primeira etapa, denominada pré-análise, foram selecionados três vídeos publicados em 2017, ano com o maior número de publicações no canal, totalizando 94 vídeos. Foram escolhidos vídeos com mais de 15 mil visualizações, centrando-se em temas relacionados ao racismo amarelo, como minoria modelo, representatividade e participação asiática no racismo contra pessoas negras. Os vídeos selecionados incluem "O que significa se sentir representado?" (33.185 visualizações), "Asiáticos São a Minoria Modelo? – Quero Café" (18.234 visualizações) e "A Participação Asiática no Racismo Anti-Negro" (114.867 visualizações).

Na segunda etapa, a exploração do material envolve a aplicação de indicadores previamente definidos, como o tipo de vídeo (esquete, entrevista, opinião), estratégias narrativas (abordagem do conteúdo, argumentação) e o grau de engajamento do público (número de visualizações, curtidas, comentários). Por fim, na terceira etapa, foi realizado o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, buscando compreender os significados subjacentes nos dados analisados.

Ao examinar as três produções audiovisuais do canal Yo Ban Boo, destaca-se a diversidade de formatos, como curtas, entrevistas e esquetes, está em sintonia com a ideia de oferecer uma perspectiva multifacetada sobre o racismo amarelo, abordando o tema de maneiras variadas para atingir diferentes públicos. Isso também mostra a adaptação do canal às lógicas da plataforma, o que ajuda a entender como o canal não apenas debate o racismo amarelo, mas também como a plataforma do YouTube configura e influencia essa discussão.

Outro ponto positivo a ser destacado é a diversidade de integrantes apresentando os vídeos. A abordagem dinâmica, em que cada vídeo é conduzido por um membro diferente, adiciona um elemento de frescor e variedade ao conteúdo. Isso não apenas mantém o espectador engajado, mas também oferece diferentes perspectivas e estilos de apresentação. A partir disso, o Yo Ban Boo exemplifica como produtores culturais precisam se adaptar continuamente às mudanças nas plataformas. No YouTube, onde algoritmos e interfaces estão em constante evolução, a capacidade de adaptação é crucial para manter a relevância do conteúdo em um ambiente tão dinâmico.

No entanto, é crucial observar que a consistência na qualidade e no desenvolvimento de alguns vídeos pode variar, evidenciando a necessidade de

aprimoramento em termos de recursos visuais e coesão na abordagem, o que reflete no baixo engajamento desses vídeos. A análise também revela que a falta de recursos visuais em alguns vídeos é uma limitação perceptível. Embora a variedade de abordagens seja uma força do canal, a inclusão de elementos visuais dinâmicos poderia aprimorar ainda mais a experiência do espectador, especialmente em vídeos mais longos. Alguns vídeos parecem mais teóricos, enquanto outros são mais ricos em recursos visuais, sugerindo uma oportunidade para uma maior uniformidade na apresentação.

Por fim, a pesquisa evidencia que o Yo Ban Boo se destaca como uma plataforma significativa no combate ao racismo amarelo, utilizando uma gama diversificada de estratégias para promover o diálogo, a reflexão e a inclusão dentro da comunidade asiática. A congruência com a fundamentação teórica, a diversidade de formatos e a geração de identificação fazem do canal uma ferramenta valiosa na conscientização sobre o racismo amarelo.

Ao explorar temas como representatividade, estereótipos e participação dos asiáticos na sociedade brasileira, o canal Yo Ban Boo se caracteriza pela comunicação antirracista, desafiando as estruturas de poder e as narrativas hegemônicas. Portanto, a análise do canal Yo Ban Boo não apenas contribui para um entendimento mais profundo do racismo amarelo, mas também destaca a importância de plataformas digitais na luta contra todas as formas de discriminação racial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BURGUESS, Jean, GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>. Acesso em 27 jun. 2024.

CHEN, An. **On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and its Latest Hegemony “Variant” – the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles**. The Journal of World Investment & Trade, Martinus Nijhoff Publishers, vol.13, 2012.

COHEN, Judy. **White consumer response to Asian models in advertising**. Journal of Consumer Marketing, v. 9, n. 2, p. 17-23, 1992.

DELENER, Nejdete; NEELANKAVIL, James P. **Informational sources and media usage.** Journal of Advertising Research, v. 30, n. 3, p. 45-52, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. (Trad.). Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398p.

HIRATA, Douglas Yuri. **Yellow Peril, Model Minority and the Racial Triangulation.** Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4896874/mod_resource/content/1/HIRATA_%20DOUGLAS_The%20yellow%20peril%20%28race%29.pdf. Acesso em 27 jun. 2024.

INOUE, V. C. **A naturalização do racismo anti-asiático na sociedade digital brasileira.** 2017. 50 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)— Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:
<https://bdm.unb.br/handle/10483/18241>. Acesso em 27 jun. 2024.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, PF de. **Imigração, mídia e xenofobia:** A ameaça imaginária em questão. Teoria crítica, violência e resistência, p. 125-146, 2021.

MARTINS, Érica Ferreira. **# BlackLivesMatter, # StopAsianHate e BTS:** reflexões sobre análise do discurso digital e movimentos sociais na Web. 2022.

PIERCE, Chester. **Offensive mechanisms.** In: BARBOUR, Floyd. (org.) The black seventies. Porter Sargent Pub, p. 265-282, 1970.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** Companhia das letras, 2019.

TOKUSATO, L. **Coronavírus: A nova variante do perigo amarelo.** ÍANDÉ: Ciências e Humanidades, v. 6, n. 1, p. 46-58, 27 abr. 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/download/565/435/1656>. Acesso em 27 jun. 2024.